



RESENHA

A FESTA DO BODE E O BATISMO DE SANGUE PARA O NASCIMENTO DA NAÇÃO¹

Mônica Brincalepe CAMPO²

O enredo de **A Festa do Bode**, romance de Mário Vargas Llosa, traz à tona, através de um enredo misto de ficção e história, o período final da ditadura de Rafael Leônidas Trujillo Molinas, em São Domingos. Esta ditadura, ocorrida entre os anos 1930 e 1961, tornou-se um dos principais momentos de arbitrariedade política já instaurado na América Latina. O romance segue sua construção permitindo a voz a vários narradores, que o fazem através de discursos em monólogo interior ou mesmo em discurso direto, (o que significa que nos é dada a impressão de conhecer o ponto de vista de diversos personagens – fictícios ou não, históricos ou não -, desde aqueles que fizeram parte da ala em oposição a Trujillo, até àqueles que pertenceram ao Estado, como o próprio Trujillo).

Esta narrativa, misto de ficcional e factual, conhecida como romance histórico, e redigida de maneira a permitir enredar por diversos discursos e tramas, propicia a sensação de que se esta acima de todas estas articulações individuais, e de que a partir desta perspectiva se é possibilitada a faculdade de arbitrar, de modo a posicionar e conseqüentemente avaliar melhor as atitudes tomadas, qualificando-as e julgando-as. Além disso, induz a noção de que é permitido alcançar a compreensão plena dos acontecimentos históricos ocorridos no período final da era trujillista possibilitando a percepção do processo necessário de consolidação da nação. Assim, há uma tese

subjacente neste texto, a de que São Domingos, para atingir sua maioria enquanto nação, teve que passar por esse período de terror, para então se erigir uma democracia, dentro de limites possíveis.

O livro está organizado em 24 (vinte e quatro) capítulos (sem título), compostos de forma intercalada. Três linhas de personagens principais são entrelaçadas, (como que montando uma trança), sendo que, a cada uma das linhas é dada a vez da palavra, de modo a assumir a narrativa.

- 1- *Urânia* fala a partir de nossa contemporaneidade, ela está retornando a São Domingos após 21 anos da morte de *Trujillo*;
- 2- *Trujillo* fala a partir dos momentos finais de seu governo;
- 3- *Os “justiceiros”* fazem a terceira linha desta narrativa através da exposição das motivações particulares de cada uma das personagens que participaram diretamente do assassinato de *Trujillo*. São encontradas as justificativas daqueles que o assassinaram, desempenhando o papel de vozes às possíveis motivações para o assassinato de Trujillo;

Assim, sob o ponto de vista de *Urânia*, seu olhar para a São Domingos atual, em contraposição à antiga Ciudad Trujillo observam-se permanências e modificações, a constatação da decadência

⁽¹⁾ Comunicação originalmente apresentada no encontro da ANPHLAC (Belo Horizonte/julho-2002) e disponibilizada na revista on line da associação.

⁽²⁾ Mestre em História Social – USP Uni-FMU; PUC-Campinas; Fundação Cásper Líbero.

associada à modernidade, e até mesmo uma idéia de globalização, ao identificar hábitos comuns a habitantes de Nova York e outras cidades do mundo.

Do ponto de vista de *Trujillo* ficamos inteirados sobre o aparelho de Estado e sua concepção de Nação, Estado e Governo. Aqui serão apresentadas as principais personalidades políticas da era trujillista assim como as ações e intenções que se desenvolveram sob sua égide.

Os “*Justiceiros*” são apresentados um a um, sendo dedicado um capítulo a cada integrante dos dois veículos que participaram da ação. Através de monólogo interior apresentam-se suas motivações e a análise que fazem para justificarem o ato que irão cometer.

Esta será a composição da obra até o capítulo 12 (doze), em que ocorre o assassinato de *Trujillo*. A partir daí, no capítulo 14 (quatorze), há uma quebra cronológica na linha do tempo transcorrido e o desenvolvimento de uma nova personagem, que passará a ascender no romance e na política de São Domingos: o presidente Joaquín Balaguer³.

BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO

Percebe-se que a interpretação sobre o nascimento da nação foi elaborada tendo como base à contraposição da construção das duas personagens representadas respectivamente por Trujillo e Balaguer. Em Trujillo assiste-se a *barbárie* do regime, além da decrepitude da virilidade do líder. Já com Balaguer, percebe-se a civilização política, pois defende a negociação diplomática, assim, a transição para a *democracia*. Configura-se como uma democracia dentro do possível, pois, por vezes, é frisado que Balaguer permanece no poder por seis mandatos, daí a ironia de denominá-lo como o eterno presidente.

Explica-se a ascensão de Trujillo ao poder - principalmente a partir do ataque ao Haiti, isto trinta anos antes do período aqui abordado. O nacionalismo defendido por ele tem um caráter

personalista, pois se trata de uma defesa da nação a partir da idéia de que esta necessitaria de sua proteção pessoal e que sem a sua intervenção a consolidação da nação nunca seria alcançada, ou ainda, não seria possível o seu progresso.

As atitudes políticas e econômicas adotadas por Trujillo, e ainda, a permanência das empresas do país em seu poder (no caso, dispendo-as em seu nome e propriedade), não ocorre por pretender seu enriquecimento pessoal, mas porque, ao que parece, só assim seria possível a ele continuar mantendo o controle sobre o progresso e o crescimento da nação.

A fala de Trujillo (aqui proferido em discurso direto) justifica suas ações de estadista, assumindo uma postura paternalista, - a de alguém que em nome da nação a protege dela mesma, pois não acredita que esta tenha maturidade suficiente para levar adiante as obrigações necessárias para a manutenção de seu crescimento. No discurso de Trujillo há a afirmação de que se as empresas estivessem na condição de propriedades estatais seriam usurpadas, roubadas pelos burocratas, assim como por sua população mais simples, pois nenhum destes grupos mantém compromissos com a nação, deixando ao estado o ônus de prejuízos que possam advir de transações comerciais.

Desta forma, se isto não ocorre no momento de sua narrativa é porque Trujillo é o proprietário de todos esses bens, e que, por temor a ele, não ousam usurpá-lo, pois todos sabem quais são as consequências de tais atos.

Assim, identifica-se na fala de Trujillo o que se entende que deva ser o papel do *estadista*, que é o de governar pela nação, sendo que para isso deve se envolver também com o lado sujo das ações, necessárias para o engrandecimento da nação, agindo em nome da manutenção da paz, da estabilidade (política, econômica e social), da segurança e da ordem.

Outro discurso sobre o papel do estadista estará sendo desenvolvido a partir da apresentação de Balaguer, que será apresentado aos poucos, mais como uma personalidade incógnita, uma

⁽³⁾ Joaquín Balaguer começou sua vida política durante o período de Trujillo, permaneceu na política após seu assassinato, vindo a falecer em 14/07/2002, após sete mandatos presidenciais. Seu funeral durou três dias e foi homenageado como uma das principais figuras políticas de São Domingos.



esfinge a ser decifrada até mesmo por Trujillo (aquele de quem todos temem o olhar perscrutador). A partir do olhar de Trujillo temos acesso a esta personagem, afinal quem seria este presidente fantoche?⁴ Das hipóteses aventadas, discute-se sua falta de ambição, sua vida monástica, a não afeição por mulheres, ou ainda, homens, e, até mesmo, a história de que teria feito votos, e que na verdade seria um padre leigo. Tudo é desmentido com embaraço pelo personagem, mas nenhuma outra argumentação é colocada por Balaguer para contrapor estas hipóteses/informações.

Se Balaguer é apresentado como aquele que não possui apetite sexual, sendo mesmo tratado como assexuado, com Trujillo fica evidente a situação oposta.

A SEXUALIDADE

Desde sua ascensão ao poder Trujillo cultivava a fama de compulsivo sexual, daquele que possui uma vida sexual profícua, e sempre na ativa, acaba por afirmar com isto, o desenvolvimento e as possibilidades de progresso da nação a partir do bom desempenho, másculo, do ditador. Entretanto, desde o momento em que é apresentado, fica-se sabendo que agora este não consegue mais controlar seu corpo. O esfíncter não o obedece, e suas calças sempre podem estar manchadas, sem que este homem poderoso possa fazer qualquer coisa contra essa fatalidade.

Nota-se uma analogia entre a crescente impotência a qual o autor aproveita para traçar a ameaça de complô, demonstrando que a decadência de Trujillo e de seu governo é eminente, tanto quanto a de seu corpo. Este paralelo só é possível porque é dada a possibilidade de penetrar sua intimidade, reconhecendo seus temores e identificando a sua decrepitude, uma vez que o

autor emprega a utilização do monólogo interior como recurso deste acesso.

Entretanto, aos *justiceiros* e àqueles que participaram do complô para assassiná-lo e derrubar o regime, este acesso não é possível, e se o fizeram foi sem saber deste processo de decadência física. A relação entre decadência física e decadência do regime é estabelecida pelo autor do romance, Mário Vargas Llosa. O assassinato do ditador de São Domingos (que rompe com a ditadura de 31 anos) será realizado como na *Festa do Bode*⁵, estabelecendo-se o paralelo com um ritual e assumindo um caráter que transcende o espectro de causalidade política ou de contextualização histórica. O Bode (como Trujillo era chamado pelos adversários) será assassinado pelos *justiceiros*, que pagarão com a própria vida e com a de seus entes queridos, pelo ato que efetivaram. Sua virilidade não é mais existente, e sua substituição será realizada na competente transição negociada por Balaguer (o assexuado). Finalmente, substitui-se a era da virilidade pela da assexualidade, em que esta situação mal resolvida perdurará nos próximos 21 anos de história (período demarcado pelo romance) de São Domingos.

A RELIGIOSIDADE

O expurgo de Trujillo possibilitou a emergência de uma nova etapa para a nação São Domingos. Esta se organizará tendo como uma de suas personagens políticas principais Balaguer. Entretanto, para se entender a ascensão de Balaguer e o caráter transcendente que é dado ao governo e ao assassinato de Trujillo, é necessário retomar o diálogo estabelecido entre as duas personagens. Neste diálogo há a referência a um discurso produzido por Balaguer sobre Trujillo: “Deus e Trujillo: uma interpretação realista”⁶, primeiro através de monólogo interior de Trujillo e depois em discurso direto deste com Balaguer:

⁽⁴⁾ Note-se que Balaguer será apresentado através do olhar de outros personagens, somente no capítulo 22 será introduzido seu monólogo interior, daí a manutenção da característica de indecifrável, pois se com os demais personagens acredita-se penetrar mais profundamente em suas razões mais secretas, devido ao monólogo interior, com Balaguer isto não acontece, pois primeiro tem-se a perspectiva de terceiros, para somente no terço final da obra adentrar-se em seus pensamentos.

⁽⁵⁾ Em nota do editor aparece a explicação: “A Festa do Bode é uma comemoração popular difundida em vários países hispano-americanos, na qual se matam bodes, que são comidas assados, em meio a muita dança e bebida. Neste livro anuncia-se que o sacrifício do Bode, por meio de um atentado, converte-se em uma festa em que se celebra a libertação de um povo de uma longa e tenebrosa tirania.”

⁽⁶⁾ Mário Vargas Llosa. *A festa do Bode*. Editora Mandarin: São Paulo, 2000, pg. 254.



“(…) Aquele discurso de Balaguer o havia tocado, fazendo-o perguntar muitas vezes se não expressava uma profunda verdade, uma dessas insondáveis decisões divinas que marcam o destino de um povo. Aquela noite, ao ouvir os primeiros parágrafos que (...) o novo acadêmico lia (...) o Benfeitor não lhes deu maior atenção. (...) Aquilo parecia um resumo da história dominicana desde a chegada de Cristóvão Colombo à ilha Hispaniola. Começou a se interessar quando, (...), foi aparecendo uma visão, uma tese. A República Dominicana sobreviveu mais de quatro séculos – quatrocentos e trinta e oito anos – a múltiplas adversidades – os piratas, os invasores haitianos, as tentativas de anexação, o massacre e a fuga de brancos (só faltava emancipar sessenta mil do Haiti) graças à Providência. A tarefa foi assumida até então diretamente pelo Criador. A partir de 1930, Rafael Leónidas Trujillo Molina substituiu Deus nessa íncólita missão.”

(...)

“- O senhor acha que Deus me passou o bastão? Que me delegou a responsabilidade de salvar o país? – perguntou, com uma mistura indefinível de ironia e ansiedade.”

“- Mais que antes, Excelência – replicou a vizinha delicada e clara. – Trujillo não poderia ter levado a cabo a missão sobre-humana sem um apoio transcendente. O senhor foi, para o país, instrumento do Ser Supremo.”⁷

A associação entre Trujillo, sua obra e Deus permite compreender a analogia que se faz entre seu assassinato e *A festa do Bode*, além de estabelecer o marco de ruptura de um momento a outro, da *barbárie* necessária para o desenvolvimento de *nação* e sua substituição pela *democracia casta* do novo representante político de São Domingos.

Se Trujillo efetivamente utilizou todos os meios para comandar e elevar o Estado em direção ao progresso, Balaguer representa a nova etapa, aquela que necessita da negociação, da diplomacia.

Portanto, emerge daí um novo estadista, para novos tempos. Trujillo será substituído por este hábil negociador, um perspicaz investigador da alma humana, capaz de compreender as ambições de outros e utilizá-las em proveito da nação, afinal, é dado a ambos a missão de conduzir a nação, e apesar de todos os defeitos que ambos possuem, nenhum deles utiliza sua condição privilegiada em proveito próprio, mas sim, em nome da nação.

NASCE O ESTADISTA

A afirmação de Balaguer se dará a partir do terço final da obra, não mais com a contraposição a Trujillo, mas àqueles que poderiam tê-lo sucedido, e que não tiveram a competência de estadista para fazê-lo. Assim, Pupo Roman, um quase parente de Trujillo, chefe militar e um dos principais comandantes do complô que assassinou o Bode, não conseguiu agir efetivamente para dominar o Estado. Suas falas serão sempre entrecortadas por um rememorar em que se observa a contradição entre o conhecimento de que poderia ter atuado de modo diverso, mas quando em ação, acabava por se engendrar noutro caminho, até ocorrer a sua desgraça, em que foi torturado e assassinado barbaramente.⁸

Abbes Garcia, comandante da chefia da polícia de Trujillo, um sanguinário torturador, admirador de nazistas e de Fidel Castro (reconhecido por ele como um grande estadista), perde o controle da situação e, como que em uma partida de xadrez, através de jogadas hábeis realizadas por Balaguer, perde o controle da situação, sendo exilado pacificamente, e retirado da cena política de São Domingos.⁹

Ramfis, o filho mais velho, o herdeiro político, e aparentemente, o único que poderia suceder Trujillo na condução da nação, não quis assumir tal missão. Aceita ajudar Balaguer, então elevado à categoria de grande estadista, a comandar a limpeza da nação, retirando de São Domingos seus os familiares que pudessem vir a atrapalhar a transição negociada para a democracia, pois ainda poderiam

⁽⁷⁾ Op. cit. Pág. 254/255.

⁽⁸⁾ Op. cit. Pág. 346/350/360/394/395.

⁽⁹⁾ Op. cit. Pág. 398 e 448.

resistir às novas diretrizes políticas. Negocia-se que Ramfis poderia prender e exterminar todos que participaram do complô, e que após esta missão cumprida, deixaria a ilha, levando consigo uma pequena fortuna.¹⁰

O reconhecimento supremo desta substituição da chefia do Estado por um verdadeiro estadista, vem das palavras do cônsul americano Calvin Hill, que reconhece em Balaguer as características necessárias para o cargo, e utiliza-se do argumento de que nestes momentos de crise é que desponta o verdadeiro estadista.¹¹

ACERCA DO CONCEITO DE NAÇÃO

Neste momento pode-se recuperar as reflexões de Benedict Anderson¹² sobre o nacionalismo e a construção da idéia de nação:

“O Nacionalismo deve ser compreendido pondo-o lado a lado, não com ideologias políticas abraçadas conscientemente, mas com os sistemas culturais amplos que o precederam, a partir dos quais – bem como contra os quais – passaram a existir.”

Seguindo o raciocínio acima aberto, Anderson afirma que a *nação* é uma Comunidade Política Imaginada, Limitada e Soberana. Assim, compreender o período histórico contextualizado na obra de Mário Vargas Llosa deixa perguntas por se responder, pois afinal, que *nação* é essa que prescinde da comunidade e que restringe seu percurso político à trajetória de seus líderes estadistas, cuja soberania deve sempre estar respaldada pelo reconhecimento de outra nação?

E o povo, onde ficou em todo este processo político de transição de um estado de *barbárie* para esta sugestiva *democracia* civilizada e assexuada? Bem, quanto a este, o olhar não é menos paternalista, e mesmo, denegridor, do que aquele que provinha de Trujillo, em monólogo interior segue-se os pensamentos de Balaguer:

“(…) Os sentimentos das multidões eram volúveis. O povo dominicano, trujillista fanático

até 30 de maio de 1961, teria arrancado os olhos e o coração de Juan Tomás Díaz, Antonio de la Maza, Estrella Sadlhalá, Luis Amiama, Huáscar Tejeda, Pedro Livio Cedeño, Fifi Pastoriza, Antonio Imbert e associados, se pudesse botar-lhes as mãos. Mas a ligação íntima com o Chefe, na qual o dominicano vivera trinta e um anos, já desaparecia. As manifestações de rua convocadas pelos estudantes, a União Cívica, o 14 de Junho, no começo raquíticas, um punhado de gente assustadiça, depois de um mês, dois meses, três meses, haviam se multiplicado. Não só em Santo Domingo (...) mas também em Santiago, La Romana (...) e outras cidades. As pessoas perdiam o medo e crescia a rejeição a Trujillo. (...)”¹³

O povo que se descortina nesta obra segue desordenado, na expectativa de quem melhor possa conduzi-lo, nas poucas vezes em que é citado não produz, não opina, não se expressa, feito turba segue a espera de um líder. O encaminhamento da obra busca a *nação* que se esta forjando e a principal questão que o autor pretende compreender é a de qual deve ser o papel a exercer o estadista nesta nação.

NAÇÃO, ESTADISTAS E ANALOGIAS

Urânia, personagem que se apresenta intercalando-se na narrativa da transição de um governo a outro passa a ser fundamental para se compreender o romance e as concepções que este carrega. Violentada por Trujillo, que tem somente na força dos dedos a capacidade de romper a virgindade da menina, pois é um homem decrépito e impotente, torna-se testemunha presente e conhecedora da incapacidade do Bode. A heroína passa a ser perseguida e corre sério risco. Em uma negociação com o assentimento das freiras do colégio em que estuda, consegue bolsa para estudar nos E.U.A., sem que se explique muito bem o ocorrido. Fica aberta a possibilidade de leitura de

⁽¹⁰⁾ Op. cit. Pág. 396/397.

⁽¹¹⁾ Op. cit. Pág. 419.

⁽¹²⁾ Benedict Anderson. *Nação e Consciência Nacional*. Ática: São Paulo, 1996.

⁽¹³⁾ Op. cit. Pág. 406.

que o próprio Balaguer tenha participado para efetivar o exílio afortunado.

Portanto, da era da sexualidade extremada, desregrada e amoral, representada por Trujillo, para a da sexualidade mal resolvida, encontrada na personagem de Urânia, que carrega em si a própria questão exposta, pois desde a noite em que sofreu o abuso nunca mais se permitiu ser tocada por qualquer um que fosse, ou ainda, a assexualidade do próprio presidente Balaguer, estadista competente, mas inexpressivo e insosso, sem ambições aparentes, constrói-se o que é a nova nação dominicana, democracia restrita e insossa, mas a que é possível, no melhor dos mundos possíveis.

Do romance histórico passa-se ao discurso histórico, e com este a construção de uma memória mítica sobre a *nação* e os *estadistas* que a constituíram. Da *Barbárie à Democracia*, de *Estadistas Bárbaros*, a *Estadistas Diplomatas*, o tema que percorre toda esta organização de *nação* é o poder político e como este é construído. O elemento complicador da narrativa está em reconhecer o que o autor compreende por um verdadeiro estadista, qual deva ser o espaço do povo e ainda, que esperança se pode possuir para a democracia na América Latina. Afinal, se a democracia possível é a da assexualidade, que desânimo para o futuro.